

Todas Fridas: o ciberativismo feminista em comunidades virtuais¹

Léticia Franciele ROSSA²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, RS

Resumo

Este estudo de caso se objetiva em analisar três postagens da *fanpage* Todas Fridas, durante o período entre 19 e 23 de dezembro de 2016. A análise considera aspectos de interação em comunidades virtuais sob o viés do ciberativismo em rede. O propósito é, assim, compreender como se dá esta relação dos sujeitos em Todas Fridas, dentro do período de tempo assinalado, a partir da ideologia feminista. Após a análise dos três conteúdos mais populares na semana selecionada para observação, considera-se que estes atores sociais se inserem em reivindicações coletivas na web a fim de atrair apoio às suas lutas e causas.

Palavras-chave: Ciberativismo; Feminismo; Todas Fridas; Fanpage; Comunidades virtuais.

1 Introdução

A maximização da potência da internet e a extinção de fronteiras entre o real e o digital possibilitam uma problematização que questiona a intensidade e a concretude de comunidades virtuais. Nestes ambientes, há uma troca transparente de conteúdo, opinião e dados estatísticos referentes a temas sociais – entre eles apontamos, neste breve estudo, o feminismo.

Estas manifestações em comunidades virtuais são assinaladas por Lévy (1999) no que se refere às relações humanas, fugindo da noção tecnicista da rede digital. É sob este cenário do ciberespaço, visando as trocas entre sujeitos, que propomos um estudo

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Comunicação multimídia do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNISINOS. Jornalista graduada pela mesma universidade. E-mail: leticiaf.rossa@gmail.com

de caso da *fanpage* Todas Fridas³, um canal que defende a luta pelos direitos sociais entre mulheres e homens. A intenção será analisar, sob a noção de mobilizações em redes sociais e ciberativismo, os três maiores posts, segundo o número de *likes*, a partir de postagens entre os dias 19 e 23 de dezembro de 2016. Com isso, pretende-se obter resultados que apontem o nível e os sentidos de interação dos sujeitos inseridos nesta comunidade virtual.

Para tanto, serão considerados, com maior ênfase, os posicionamentos assinados por Lévy (1996 e 1999), Castells (2002 e 2003), Lemos (2004), Recuero (2009) e Malini e Antoun (2013).

2 Cultura digital e relação entre sujeitos

O ciberespaço, na concepção de Pierre Lévy, constitui “[...] uma nova cultura de comunicação entre pessoas e mercados” (FIEBIG, 2016, p. 3). Esta noção é concebida, ainda, de acordo com a proposta de Gibson (2003, p. 5-6), quando este indica o ciberespaço enquanto “[...] uma representação física e multidimensional do universo abstrato da 'informação'. Um lugar pra onde se vai com a mente, catapultada pela tecnologia, enquanto o corpo fica pra trás”.

Ora, se, antes, conteúdos estagnavam-se em páginas impressas de veículos de informação, hoje a internet ocasiona a reinvenção e a propagação de produtos, opiniões e notícias. As fronteiras geográficas também foram extrapoladas neste novo contexto – na atualidade, o global é próximo a todos (CASTELLS, 2003). Assim, com o ciberespaço, é aberto um campo de possíveis sociabilidades devido ao seu caráter de compartilhamento, que não institui apenas uma centralidade ou direção do conteúdo.

Inserida neste macro ambiente do ciberespaço está a cibercultura, que incentiva as relações entre sujeitos e as tecnologias informativas, promovendo, deste modo, na sociedade, novas práticas comunicacionais. Trata-se, em síntese, do “[...] conjunto de atitudes, técnicas, práticas, modos de pensamento e valores desenvolvidos junto com o ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17).

Ao promover o espalhamento de conteúdos, a cibercultura desponta como potencializadora daquilo que já “[...] é próprio de toda dinâmica cultural, a saber o compartilhamento, a distribuição, a cooperação, a apropriação dos bens simbólicos”

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/TODAS-Fridas-464282300411414/?fref=ts>.

(LEMOS, 2004, p. 11). Ou seja: a cibercultura, neste espaço digital rico em informações, traz um cenário de troca cultural e de incentivo ao compartilhamento – seja de notícias, opiniões, memes, vídeos, tweets etc.

Esta renovação nos processos comunicacionais está conectada à transformação tecnológica, unindo, em uma mesma esfera, a técnica oferecida pelo meio digital e a subjetividade de relações pessoais.

Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo (CASTELLS, 2002, p. 414).

Um processo que se expande com a cibercultura e os movimentos no ciberespaço é o da virtualização. Ocorrem, neste contexto, pontuações referentes ao real e ao digital – como se ambos atuassem paralelamente e não houvesse a possibilidade de confundi-los e/ou inteira-los em apenas uma compreensão. Se considera relevante apontar a defesa de Lévy (1996), quando este atesta não ser necessária a distinção entre o que acontece no mundo real e no universo virtual. Para ele, o que está na internet é desenvolvido por sujeitos e, portanto, é uma manifestação que pertence à noção de realidade.

Estes movimentos oportunizam a construção de identidades sociais que agrupam, neste caso, na internet, determinados interesses a certos nichos da população. É o que se pode considerar como uma comunidade virtual, que, devido aos seus valores em comum, tendem a priorizar defesas, ideais e lutas próprias – iniciando, assim, um ativismo em rede.

3 Ciberativismo em comunidades virtuais

Será considerada, neste estudo, a concepção de comunidade como um ambiente em que sujeitos compartilham interesses em comum a partir de conceitos pré-estabelecidos. O termo comunidades virtuais, que será utilizado a fim de compreender a atuação da *fanpage* Todas Fridas, a ser analisada neste trabalho, data de 1993, a partir dos estudos de Howard Rheingold. Na ocasião, o conceito foi concebido a fim de caracterizar grupos inseridos em redes do ciberespaço (MALINI; ANTOUN, 2013).

As comunidades virtuais estruturam-se, conforme Malini e Antoun (2013, p. 35),

no amplo espaço para as expressões de sujeitos a partir de um “[...] modo de atuação em rede que fez ampliar a circulação subterrânea e vazada de informação [...]”. Este parecer vai ao encontro do que assinala Lévy (1999, p. 127) no momento em que este concebe a construção de uma comunidade virtual a partir de “[...] afinidade de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em processo de cooperação ou troca”.

A partir da perspectiva em que grupos se reúnem conforme suas conveniências, se considera o ciberespaço sob a lógica de multidões segmentadas em comunidades virtuais que, por sua vez, constituem a grande rede (MALINI; ANTOUN, 2013). Este raciocínio propõe a edificação de uma cognição coletiva, em que todos produzem e recebem informação de modo paralelo.

Fundadas na lógica de que o participante agrega a informação ou conhecimento que possui para o debate, tendo como contrapartida todas as informações e conhecimentos dos demais membros, as comunidades virtuais produziram inumeráveis serviços de comunicação onde o conhecimento que se faz através das demandas e das ofertas dos usuários se traduz em valores e confiança (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 131).

É sob este entendimento que sujeitos inseridos nestas comunidades compartilham seus interesses, sempre conectados por um elo em comum. Assim constituem-se as redes sociais, em um espaço em que o integrante da comunidade virtual expressa suas singularidades a partir da visão de um coletivo que, regularmente, compactua com seus interesses (SOUZA, 2008).

No entanto, parece importante assinalar as distinções entre comunidade virtual e rede social online a fim de prosseguirmos a discussão teórica. Conforme Recuero (2009), nas comunidades virtuais existem laços fortes entre os integrantes, além de diálogos constantes e permanentes. Por sua vez, as redes sociais online são mais amplas, sem um direcionamento pontual.

Estes laços firmados entre sujeitos em suas comunidades provocam e incentivam um ativismo que, na opinião de Malini e Antoun (2013, p. 24), “[...] criou o ciberespaço”. Pode-se definir, sob este contexto, o ciberativismo como a existência de um ativismo político na rede (MALINI; ANTOUN, 2013). Neste ambiente, é constante a discussão com o propósito de integrar, buscar auxílio e apoio, comunicar e defender ideias pessoais e coletivas – um processo que inicia dentro da rede, mas que tensiona significados além da materialidade do ciberespaço.

As comunidades nascidas do ciberespaço introduziram nas novas manifestações a reunião dos participantes através de grupos de afinidade, sua distribuição em *clusters* de processamento paralelo e sua coordenação nos acontecimentos através dos conselhos de porta-vozes, reinventando o sentido das práticas democráticas nas delicadas relações entre grupos de atuação política de diversos matizes. Trata-se, para estas comunidades, de substituir as formas democráticas representativas e mediatizadas por núcleos centralizados (Estado), e seus órgãos de ação (instituições) por uma democracia de participação interativa, constituindo uma rede de ação direta (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 140, grifo dos autores).

Estes coletivos buscam, por meio de seu discurso, romper a fronteira de sua comunidade e mobilizar sujeitos que cercam seu convívio – e, também, os que vão além desta teia de relações. Na concepção de Ugarte (2007, p. 77), o ciberativismo “É toda estratégia que persegue a mudança da agenda pública, a inclusão de um novo tema na ordem do dia da grande discussão social, mediante a difusão de uma determinada mensagem e sua propagação através do ‘boca a boca’ multiplicado pelos meios de comunicação e publicação eletrônica pessoal”.

Como eixo norteador, conforme aponta Malini e Antoun (2013), o ativismo em comunidades virtuais considera não apenas necessário ir de encontro à mídia tradicional, mas incorporar em seu grupo de interesse expressões que deem sentido às suas próprias vidas.

A comunidade ativista, entretanto, transformou na prática o sentido da palavra resistência. Ela mergulhou nas entranhas do novo meio da Internet e constituiu através das potências anárquicas e libertárias, trazidas por ela, suas comunidades e suas práticas. Para o ativismo resistir não é mais apenas sofrer a paixão do embate com o poder atual do Estado e seus dispositivos de governo. Resistir tornou-se também inventar os movimentos através dos quais os modos autônomos de viver e governar a própria vida possam ser, ao mesmo tempo, as formas de lutar e se manifestar publicamente (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 142).

O ativismo virtual instaura, deste modo, sua corporalidade no ciberespaço, a partir das relações humanas estabelecidas entre os sujeitos que constituem os coletivos (MALINI, ANTOUN, 2013). A visibilidade pública, o engajamento social, a criação de novos elos e, em especial, a propagação de lutas, são marcas do ciberativismo que conferem sentido à sua existência na rede.

Há uma luta para mudar os códigos de significado nas instituições e na prática da sociedade, é a luta essencial no processo de mudança social no novo contexto histórico [...]. O que caracteriza os movimentos sociais na sociedade em rede é que eles têm de preencher o vazio deixado pela crise das organizações verticalmente integradas, herdadas da Era Industrial (CASTELLS, 2003, p. 116).

Com isso, considera-se que as comunidades virtuais, por meio de suas identidades e interesses mútuos entre sujeitos, impulsionam o ativismo virtual e ações sociais tais como o feminismo.

4 Feminismo: equidade entre seres iguais

A lógica é pontual: o movimento feminista promove, de modo preciso, a relevância da igualdade social entre homens e mulheres. Este debate tem início diante do entendimento de que há uma invisibilidade feminina na sociedade – desde o âmbito cultural até o segmento político.

Em comunidades virtuais, mulheres e homens feministas encontram espaço para promover esta equidade de gênero a partir de um custo financeiro nulo: na rede, a demanda é, apenas, a interação entre os sujeitos e o espalhamento das causas defendidas pelo movimento. Assim, este ativismo virtual pode ser detectado em sites, *fanpages*, canais de vídeos e música e fóruns de debate online. Estas discussões seguem, continuamente, enumerando os porquês de a mulher “merecer” uma uniformidade em comparação ao homem.

Elas (*as discussões*) desenvolvem atividades permanentes – grupos de trabalhos, pesquisa, debates, cursos, publicações – e participam de campanhas que levaram milhares de mulheres as ruas por suas reivindicações específicas, dentre as quais se destacam: sexualidade e violência, saúde, ideologia e formação profissional e mercado de trabalho (BIANCHINI, 2009, p. 8, grifo nosso).

Os debates iniciaram a partir de movimentos de mulheres da classe média europeia e norte-americana na década de 1960, em que grupos femininos questionavam o direito ao voto e suas validações enquanto cidadãs (GEBARA, 2001).

Desde este período, é transparente a defesa feminista de que há, perante as mulheres, um domínio masculino em todas as esferas, seja pessoal ou profissional.

Quando Simone de Beauvoir, em 1949, em “O segundo sexo”, disse que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, expressou a ideia básica do feminismo: a desnaturalização do ser mulher. O feminismo fundou-se na tensão de uma identidade sexual compartilhada (nós mulheres), evidenciada na anatomia, mas recortada pela diversidade de mundos sociais e culturais nos quais a mulher se torna mulher, diversidade essa que, depois, se formulou como identidade de gênero, inscrita na cultura (SARTI, 2004, p. 35).

É sob este contexto que se pretende analisar, a seguir, em um estudo de caso, a *fanpage* Todas Fridas enquanto comunidade virtual, a partir da ideologia feminista.

5 A mulher e as suas lutas

Entre outros canais, o Todas Fridas se conceitua, em sua *fanpage*, como uma página “de empoderamento, liberdade feminina e luta contra a ignorância que o machismo exala em nossa sociedade, porque juntas somos mais fortes”. A nomenclatura da página se dá em função de Frida Kahlo, pintora mexicana considerada um ícone do movimento feminista em todo o mundo.

Com mais de 650 mil *likes*⁴, a Todas Fridas traz postagens diárias com compartilhamento de notícias e vídeos de outros canais, criação própria de conteúdo e divulgação de memes e textos relacionados ao empoderamento feminino.

Para este estudo, foram selecionadas as três postagens com maior registro de *likes* entre a semana de 19 a 23 de dezembro de 2016 (durante estes cinco dias, houve 53 posts em Todas Fridas). Este período foi escolhido de modo aleatório, apenas por se tratar de um contexto mais recente para vias de observação – uma vez que este artigo foi elaborado no primeiro mês de 2017. A análise, portanto, consiste em um estudo de caso da *fanpage* Todas Fridas e tem como propósito compreender como se dá a interação dos sujeitos nesta comunidade virtual, dentro do período de tempo abaixo assinalado.

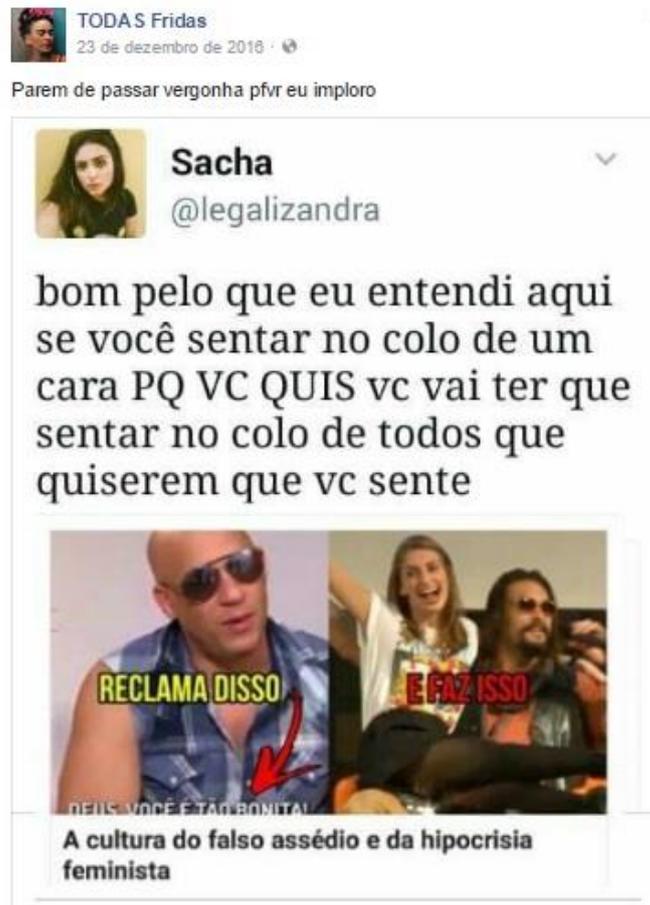
5.1 O assédio de Vin Diesel

Com 8,3 mil *likes*, esta foi a postagem mais popular, sob estes termos, na semana de análise. A postagem aconteceu às 19h52 de 23 de dezembro de 2016 e registra, ainda, 5.534 compartilhamentos e 273 comentários.

O post é a reprodução de uma montagem repercutindo o suposto caso de assédio do ator Vin Diesel a uma youtuber brasileira, Carol Moreira, que o entrevistou no início do mês de dezembro de 2016 para seu canal de cinema e séries. Na entrevista, divulgada apenas na segunda quinzena do mesmo mês, Vin Diesel interrompe Carol em três ocasiões para elogiar a beleza da brasileira.

⁴ Dado atualizado em 17 de abril de 2017.

Figura 1 – Todas Fridas e Vin Diesel



Fonte: Elaborado pela autora.

A publicação de Todas Fridas consiste em um comentário de @legalizandra em que esta pontua que, uma vez que a youtuber manteve contato físico com um artista, em uma ocasião (na imagem à direita), ela não se reserva ao direito de reivindicar respeito de Vin Diesel. A página reproduz o conteúdo sob a frase “Parem de passar vergonha pfvr eu imploro”.

Nos comentários, é possível analisar uma defesa massiva à postura da brasileira. Sujeitos inseridos na comunidade virtual da *fanpage* pontuam que, não apenas como mulher, mas enquanto ser humano, Carol Moreira pode (e deve) executar quaisquer atos que sejam de seu interesse, uma vez que estes respeitem o direito de ir e vir dos que a cercam. O comentário mais reverberado diz que: “Monamuor ela sentou no colo do outro porque ela quis a bunda é dela e ela senta aonde ELA QUISE !! Entenda bem AONDE ELA QUISE !!! Ela não é obrigada a NADA !! Rai ai !! Me poupe viu !!!”. Sob este mesmo teor, feministas interagem no sentido de fazer compreender que a

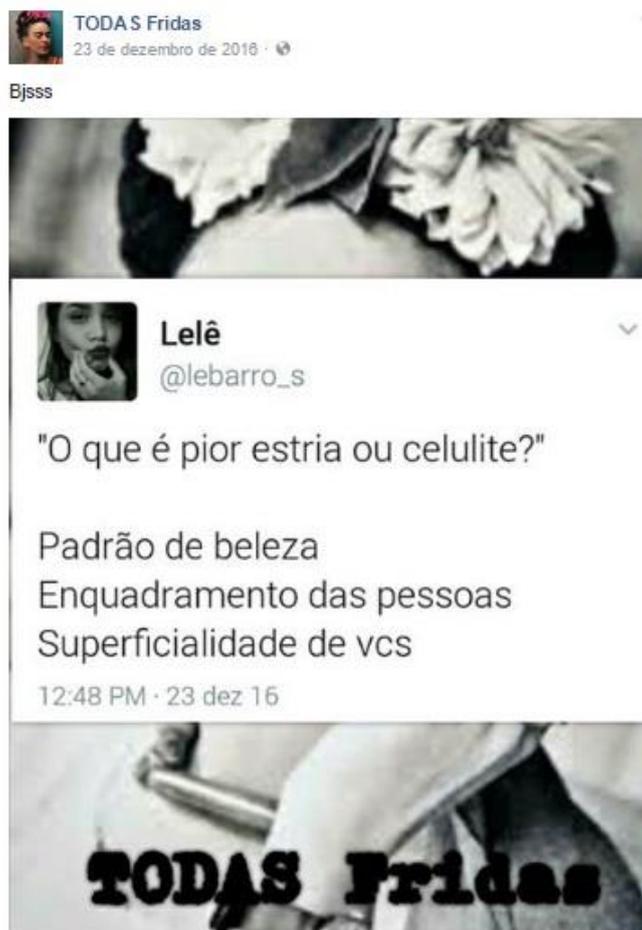
youtuber sentiu-se ofendida com a postura do ator, considerando que estava ali profissionalmente a fim de concluir um material para sua página.

É possível perceber um temperamento de convencimento a partir dos comentários, quando sujeitos reiteram, em mais de 200 ocasiões, que houve assédio em um caso, enquanto no outro a brasileira agiu conforme seu interesse. Nas poucas inserções contrárias às postagens, em que pessoas relatavam não ter observado exageros nos comentários de Vin Diesel, uma série de outros comentários buscam enfatizar o contrário – muitas vezes, com vocábulos grosseiros e imagens pejorativas.

5.2 O que é pior: estria ou celulite?

O segundo post com maior número de interações nesta semana de análise apresenta 8,2 mil *likes*. A postagem aconteceu às 13h07 de 23 de dezembro de 2016. Há, ainda, 2.575 compartilhamentos e um total de 17 comentários.

Figura 2 – Todas Fridas e o corpo ideal



Fonte: Elaborado pela autora.

A postagem consiste na reprodução de um tweet de @lebarro_s em que esta questiona, de modo retórico: “O que é pior estria ou celulite?”, para, em seguida, responder: “Padrão de beleza, enquadramento das pessoas, superficialidade de vcs”. O conteúdo tece uma nítida crítica à “ditadura da beleza”, em que a sociedade pré-estabelece um estereótipo físico ideal para mulheres – são padrões que isentam a existência de supostas imperfeições como a estria e a celulite.

Apesar de não aparecerem em um número expressivo, os comentários reforçam a importância de que a mulher deve se impor diante destes estereótipos e construir (além de aceitar) o corpo que tem ou que pretende ter. Um dos comentários que mais enfatiza esta questão pontua o seguinte: “Você é linda do jeitinho que é!! Se quer melhorar, melhore. Se não quer, não se sinta na obrigação! Nós somos muito mais que nosso corpo”.

Existe, aqui, um visível movimento que tem como propósito conscientizar homens e mulheres sobre a aceitação física de todos os seres. Os comentários vão ao encontro do que sugere Recuero (2009) quando ela estabelece que, em comunidades virtuais, os casos de ciberativismo reforçam os laços entre sujeitos de comuns interesses. “[...] O que constitui e mantém o grupo são as interações, e não o ‘território’. É através delas que os laços são formados e adesados no interior das redes sociais. Os estados de interação podem variar de acordo com a conversação” (RECUERO, 2009, p. 151).

5.3 Mulher não pode ser direta

O terceiro material analisado é um post de 19 de dezembro de 2016, publicado na Todas Fridas às 11h14. O registro traz 7,9 mil *likes*, 575 comentários e nenhum compartilhamento.

O conteúdo consiste na reprodução de uma postagem da usuária Tamy Snow, em que esta convida as seguidoras da página para um debate: “Pesquisa rápida: Coloca a mão aqui se você é MULHER e já foi acusada de estar sendo grosseira só por estar falando de forma direta, sem floreios”.

Nos comentários, um massivo grupo de sujeitos presta solidariedade à pontuação de Tamy Snow por meio de palavras de incentivo em que demonstram já ter passado por esta mesma situação. O senso de acolhimento vai, novamente, ao encontro do que

Recuero (2009) sugere por meio da explicação dos laços fortes que unem os integrantes de cada comunidade online. Neste caso, é nítido o “abraço virtual” entre as integrantes, que não apenas concordam com a publicação de Todas Fridas, mas incentivam uma postura e uma conduta livre para todas as mulheres.

Figura 3 – Todas Fridas e a postura feminina



Fonte: Elaborado pela autora.

A crítica, neste conteúdo, faz referência a um suposto comportamento ideal feminino, que condiz com uma aparência sutil, elegante e refinada. É o que a seguidora Aylla Marques descreve ao comentar: “Ohhh, sempre. Grossa, ignorante. 'Vc é mulher, é feio p vc ser assim.' Ahh foda-se”. Renata Santos, por sua vez, lista uma série de comentários ouvidos por mulheres referente à posição ideal que devem tomar diante da sociedade: “‘Você devia ser mais delicada’, ‘Você devia sorrir mais’, ‘Nossa, brigou com o namorado?’, ‘Nossa, fica calma’, ‘Precisa falar assim?’”.

Na opinião das integrantes desta comunidade virtual, a sexualidade é um dos aspectos questionados quando a mulher não segue estes padrões já estabelecidos – uma vez que, supostamente, para ser feminina, é preciso ser doce e serena, ao invés de dura e direta (uma postura, então, masculina). Estes comentários e *likes* representam um ciberativismo motivado pelo protesto em favor de uma causa – neste estudo, o feminismo. É neste cenário que a rede tem uma atribuição substancial na propagação de uma luta. É por esta razão que “Entende-se por ciberativismo a utilização da internet por movimentos politicamente motivados pelo intuito de alcançar certas metas ou lutar contra injustiças que ocorrem na própria rede” (RIGITANO, 2003, p. 3).

6 Apontamentos finais

Este estudo inicial referente ao ciberativismo na comunidade virtual Todas Fridas tem como propósito indicar alguns apontamentos que façam inferências acerca do movimento feminista na *fanpage*, considerando os sentidos de interação entre os seguidores da página. Após a análise dos três conteúdos mais populares na semana de 19 a 23 de dezembro de 2016, considera-se que estes atores sociais se inserem em reivindicações coletivas na web a fim de atrair apoio às suas lutas e causas.

As redes sociais online são eficientes na conscientização e na colaboração deste ativismo devido à sua abrangência, velocidade e capacidade de armazenamento de conteúdo – deste modo, não há limites de tempo e de espaço para as discussões e as defesas de direitos nos âmbitos social, político, cultural, educacional etc. Trata-se de um ambiente menos vedado, em que os atores sociais posicionam-se (às, vezes, ocultados pela anonimidade) diante de seus interesses.

As comunidades virtuais tornam-se, assim, um recinto de ordem organizacional, em que seus integrantes não apenas reiteram seus objetos de defesa, mas arquitetam movimentos a fim de enfatizar os protestos coletivos. Conforme assinala Lévy (1999), as comunidades virtuais configuram-se como um novo esquema de se observar e se construir a sociedade – uma vez que assumem o papel de democratizar a defesa de direitos e deveres dos atores sociais.

Sob este aspecto, o ciberativismo inserido em Todas Fridas traz, a partir do conteúdo analisado, uma inteligência coletiva que promove um exercício de cidadania entre os integrantes da comunidade virtual. Assim, é possível observar, segundo as postagens selecionadas, noções de cooperação e coletividade no que se refere às ações do movimento feminista.

A internet, por meio destes grupos sociais criados a partir de interesses em comum dos sujeitos, funciona como um estímulo ao empoderamento de mulheres, em que estas são incentivadas na luta por suas demandas na sociedade. Cria-se, ainda, um senso de empatia no instante em que outros atores sociais mobilizam-se com a causa a partir da compreensão do que é e do que defende, neste caso, o movimento feminista.

Percebeu-se, segundo a análise, performances de mulheres, por meio de seus comentários, *likes* e compartilhamentos, que fazem emergir inúmeras questões: cultura do estupro, padrão de beleza, inferioridade feminina, fragilidade do gênero. Estes temas

se atravessam e conversam entre si, instalando um fio condutor entre todas as postagens – apesar de nem sempre o conteúdo ser semelhante.

Assim, parece plausível considerar o Todas Fridas como um canal hábil em projetar o feminismo enquanto movimento de múltiplas identidades que atua diante de um fim: a igualdade de gêneros. Esta circunstância, no entanto, é possível a partir do envolvimento dos atores sociais com o conteúdo compartilhado pela página. A criação de laços em comunidades virtuais apontada por Recuero (2009) pode ser observada, na *fanpage*, por meio dos *likes*, compartilhamentos e comentários dos seguidores. Assim, cria-se uma noção de pertencimento entre a página e os integrantes da comunidade, que promovem trocas de experiências e palavras de ordem motivacional. É possível visualizar um nítido anseio em se inserir nas discussões de modo não anônimo, com um posicionamento aberto e firme que contribui para a atuação coletiva do movimento feminista e reforça a ideia dos laços sociais na comunidade virtual. No entanto, há, ainda, aqueles que, apesar de compactuarem com as questões, mantêm-se afastado do círculo de debates – o que não invalida suas presenças na comunidade virtual. “Uma vez adicionado um indivíduo, ele ali permanece independentemente da interação para manter o laço social. Essas redes podem, entretanto, mostrar laços já estabelecidos pelos atores envolvidos em outros espaços [...]” (RECUERO, 2009, p. 98).

São estas conexões entre os atores sociais que configuram, segundo Recuero (2009), uma comunidade virtual e o ativismo que nela emerge. É assim, portanto, que se concebem as interações dos sujeitos que constroem o Todas Fridas: são, em especial, mulheres que geram laços a fim de incentivar o empoderamento feminino por meio de uma postura que condiga com as suas vontades: elas podem ser meigas, diretas, extrovertidas ou serenas. Podem se vestir de acordo com a sua preferência. Podem se interessar por uma pessoa e não por outra. Podem aceitar um corpo físico abaixo ou acima dos 60 kgs. Elas podem viver conforme seus sonhos. Elas podem ser o que quiserem.

Referências bibliográficas

- BIANCHINI, Alice. **A luta por direitos das mulheres**. São Paulo: Carta Forense, 2009.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz & Terra, 2002.

FIEBIG, Manoella Fortes. Convergência ou cooperação? Uma análise sobre o jornalismo da Rolling Stone Brasil. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 17., 2016, Curitiba. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom, 2016. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0079-1.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

GEBARA, Ivone. **Cultura e Relações de Gênero**. São Paulo: Cepis, 2001.

GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 2003.

LEMOS, André. Cibercultura, cultura e identidade. Em direção a uma “Cultura Copyleft”? **Revista Contemporanea**, Salvador, v. 2, n. 2, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3416/2486>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1996.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**. Porto Alegre: Sulina, 2013. Disponível em: <http://www.liinc.ufrj.br/pt/attachments/316_A-internet-e-a-rua--online.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2016.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIGITANO, Maria Eugenia Cavalcanti. **Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente**. In: SEMINÁRIO INTERNO DO GRUPO DE PESQUISA EM CIBERCIDADES, 1., 2003, Salvador. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rigitano-eugenia-redes-e-ciberativismo.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2016.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 19, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n2/23959.pdf>>. Acesso em: 11 dez. 2016.

SOUZA, Queila. **O Tempo das Redes**. São Paulo: Perpectiva, 2008.

UGARTE, David. **O poder das redes**. Porto Alegre: EdiPucrs, 2007. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=dt1Hu5-Cj5gC&pg=PA12&lpg=PA12&dq=o+poder+das+redes+ugarte+pdf&source=bl&ots=0xcDTil_jK&sig=ZYIIG9KbQbwZgeymIYcJIX7Ufyg&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwivx9PRkJXRAhXIVJAKHT-KBVsQ6AEIMTAE#v=onepage&q=o%20poder%20das%20redes%20ugarte%20pdf&f=false> Acesso em: 9 dez.. 2016.